

## Importâncias

Ele não tinha metade do que era necessário para frequentar aquele bar cavernoso nas montanhas. Podia, é claro, comer e beber algo razoavelmente satisfatório, mas o problema era que o tipo de pessoa que se encontrava ali podia fazê-lo todos os dias, sem riscos de dano às finanças. Ele teria que calcular bem suas escolhas se quisesse voltar alguma outra vez — vez, no singular.

Dizia a si mesmo que só precisava de confiança: era o que ele via no olhar de cada grande pessoa, de guerreiros a políticos, que algum dia contrataram seus serviços. Admirava tanto o traço que fabricava cada espada com maior ou menor esmero a depender de quanta confiança detectava no semblante do comprador.

Reconhecia muitos ali, e eles o reconheciam de volta; ele sabia seus nomes, mas eles talvez se lembrassem de sua profissão apenas. A densa escuridão era cadenciada por esferas de fogo num canto — que faziam melodia convidativa, travessa, lúdica — e quebrada mal por poucos minérios e chamas num teto distante. Os olhos de cada rosto borrado e arrogante, fossos de comunicação, deixavam claro o que se perguntava em pensamentos mordiscados: aquelas mãos calosas, o que faziam ali? Aquele que cheira a óleo, ferro, carvão — *ali, junto a eles?*

Sentiu-se melhor quando encontrou a mulher que procurava: de pernas cruzadas, finas sobranceiras e rosto alongado por cima da capa laranja, encostava-se à parede. Diante dela apenas a mesinha redonda e um livro — que parecia ler, embora ele não entendesse como poderia com aquela falta de luz.

Sentou-se diante do banquinho de madeira maciça, peça bem esculpida, e amassou uma mão na outra.

— Senhora... *Muito* obrigado por me receber.

Ela fechou o livro sem fazer som algum e, por cima do vozerio comportado do lugar, cumprimentou-lhe.

— Pergunto-me se o senhor está com fome...

— Não, eu... Eu quero saber logo se eu sou *digno* da sua consideração. C-como discípulo.

— Os bomins são a tradição mágica mais antiga de Heelum. — Disse ela, cruzando os braços. — O que faz você pensar que está qualificado?

Louvou o fato de que ela provavelmente não viu seu engolir de saliva, e olhou para a maga com determinação.

— Eu tenho ambição, senhora.

— Não é o suficiente.

— Por favor *deixe-me* mostrar que é o bastante!

— E o que ganho em troca dessa aposta?

— *Tudo!* Tudo que tenho! E também meus serviços, s-se forem para a senhora e seus outros discípulos! Eu mostrei para a senhora e a senhora *não pode* negar que é um bom negócio!

Ela balançou a cabeça lentamente, aproximando-se do tampo da mesa com os ombros.

— A primeira coisa que vai aprender... É que não deve *jamaiz* dizer o que eu posso ou não posso negar.

O rosto do ferreiro se iluminou como brasa.

— Então eu vou ser um discípulo?

— Sim. — Resolveu ela, voltando ao estado anterior tão naturalmente que parecia prestes a continuar a leitura. — Você fez bom uso das emoções e dos valores no seu convencimento, mas tentou também a tática racional...

Ele balançou a cabeça, sem entender uma palavra do que ela dizia.

— Nós, bomins, confiamos mais no que podemos fazer com o que os outros *sentem* ao invés do que os outros *pensam*. Você está entendendo o que estou dizendo?

— Sim... Mais ou menos.

— Teremos aulas pouco frequentes, pois estou muito ocupada... Mas um dia você entenderá melhor do que isso se trata e terá este tipo de poder. Eu vou entrar em contato com você de novo quando chegar a hora. Já sei onde encontrar você.

Ela sorriu, movendo todo o corpo na indicação clara de que iria embora.

— Espere. — Pediu ele, com a mão estendida por sobre a mesa.

— Sim?

— Eu... Eu sei que a essa altura da minha vida não vou ser um grande mago.

Ela não se deu ao trabalho de mentir para dissuadi-lo.

— Mas... Eu gostaria de aprender tudo que fosse possível... E-e uma coisa em especial.

— E o que seria?

— ... Como fazer alguém ter um... Um instinto de sobrevivência *bem* forte!

Ela estreitou o olhar, trazendo um dos ouvidos para mais perto.

— Como?

— Fazer alguém pensar em si mesmo como a coisa mais importante a ser protegida... Para que em qualquer situação de perigo ela saiba a hora de fugir, mas... Também a hora de *lutar*. E fazer tudo que for preciso para seguir adiante. Se preciso for, até deixar alguém para trás. E-e também, o-o que é uma segunda coisa, como fazer alguém proteger uma pessoa também.

Ele observou o rosto da nova mestra processar o pedido exótico; nos momentos que pareceram durar uma era, a música e o agito diminuíram como se todos os magos do lugar esperassem pela resposta.

— ... Pedidos bastante específicos, hm? Sim, isso tudo pode ser feito. *Não vai ser rápido*... — Adicionou ela ao menor sinal de agitação por parte do discípulo. — Mas pode ser feito.



Anabel nunca teve problemas com os desfiladeiros. Sabia que muitos de seus amigos não conseguiam chegar perto da beirada da cordilheira — e tinha plena consciência de que aquilo era tão perigoso que sim, era bastante estranho que ela conseguisse chegar tão perto sem sentir-se completamente tensa.

Ela sempre gostou da casa em que morava. Adorava a forma como a construção de madeira se encaixava perfeitamente nas entradas e reentradas da montanha. Apesar disso, era bastante chato todo o tipo

de adaptação que tiveram que fazer para viver ali. Era tudo muito longe, desde o centro da cidade até as outras casas; e se antes os pais traziam água para cima, o tempo se encarregara de dar a ela a força para começar a ajudá-los na tarefa cansativa e entediante. *Ajudá-lo*, no singular, no masculino; a mãe tinha ido embora.

Ela abraçava as próprias canelas no chão arenoso debaixo das estrelas. Era tão alto ali que costumava pensar que não ficava debaixo, mas sim de frente para elas — e era capaz de jurar que o brilho colorido dos pontinhos luminosos no céu era mais forte ali do que em qualquer outro lugar de Ten-u-rezin.

Do lado de fora da casa o pai montara a forja. Anabel já tinha o ritmo das marteladas precisas impresso tão fundo na cabeça que conseguia dormir com eles — e era por tanto costume que era capaz de dizer que o pai trabalhava mais rápido agora. Mais, e mais rápido: nunca o vira trabalhar tanto.

Ele terminou, tirou as luvas e, parecendo um pouco tonto ao perceber a realidade à sua volta, veio se juntar à filha.

— Já quer jantar, filha?

— Eu já comi, pai.

— Comeu o quê?

Ela deu de ombros.

— O que sobrou do almoço eu esquentei...

O pai fez um sim efusivo com a cabeça. Sabia que a culpa era completamente sua por deixar a filha, ainda tão pequena, mexer com fogo.

Apesar da profissão.

— O pai tá trabalhando muito, não é não, filha? Desculpa o pai.

— Tudo bem...

Ela não estava mesmo triste com o pai. Era muito diferente para ela: cozinhar, cuidar de si mesma; até poder sair por aí sem ninguém notar. Aquilo estava sendo divertido, afinal — ou quase.

— Por que a mãe foi embora, pai?

— Porque ela não gostou de eu virar um mago. — Respondeu sem titubear.

— Mas ela não quer mais me ver?

— É. Ela sumiu mesmo, filha.

Ela não podia acreditar naquilo; era o que o seu coração infantil, que era metade ardente e metade rebelde, lhe dizia.

Ainda assim, não conseguia duvidar do pai.

— ... Ela não gostou dos castelos?

— Isso... — Ele pareceu gostar de ter chegado a um ponto definitivo na explicação. — Mamãe não vai mais voltar, está certo?

Ela balançou a cabeça e apertou mais as pernas. Segurou o choro, mesmo que não sabia bem por que queria chorar. Estava perdida até quanto a isso.

— Quando você crescer vai poder fazer *tudo que quiser*. Lembra que eu falei isso para você, filha? Eu prometi, não é? É isso que eu estou ensinando para você. Essas coisas de magia que eu sei. E é por isso que o pai está trabalhando tanto. E é *isso* que a sua mãe não gostou. Ela é uma... Uma *boba*, você não acha?

Ela fez que sim, olhando para longe dele.

— Você não vai gostar de poder fazer *tudo* que quiser quando for maior? Não vai ser divertido?

— Sim, pai.

Ele ia se afastando, mas voltou depois de uma passada barulhenta.

— Ah e, filha, se você me ver lá naquele seu castelo... Lembra?

— Ela olhou para ele de novo, dizendo que sim. — É que eu estou protegendo ele. Estou melhorando algumas coisas... Para ele ficar *bem forte*. Está bem?

— Uhum.

— E qual é a coisa mais importante, filha?

— ... É eu me cuidar, pai.

— *Muito* bem! — Disse ele, com orgulho vazando pelos olhos. — Eu vou guardar as coisas... Quer me ajudar?

— Uhum!



— A gente vai ter que dormir *aqui*?

— Quer continuar andando a noite toda? — Perguntou o pai.

Ela bufou, desistindo da briga. Olhou para a mala desarrumada, num estado sofrível, e que jamais vira na vida. Nunca tinham precisado de uma — e no entanto estavam ali, os dois, viajando até debaixo daquelas palmeiras estranhas na beira do mar.

Talvez não fosse tão ruim dormir ali, afinal. O som das ondas, a areia fofa, a brisa suave; nada ali era ruim. Mas a situação toda a deixava na ponta dos pés metafóricos: saíam da estrada o tempo todo para evitar qualquer jir, e ela imaginava que, se fizeram isso com as povoações da própria cidade natal depois de saírem quase fugidos de casa, fariam o mesmo com as vilas de Al-u-ber que encontrassem pelo caminho. O pai já avisara que logo logo precisariam desviar da Fortaleza Norte da nova cidade.

— Quando a gente vai chegar? — Perguntou ela.

— Não sei.

— Pai... Tem certeza que é uma boa ideia?

Ele andava de um lado para o outro organizando todo tipo de coisa. Parecia ter pressa ainda que tivessem, aparentemente, a noite inteira.

— Mesmo se não for, filha, não dá para voltar atrás!

— É em Al-u-ber que eu vou começar a... A descobrir as técnicas das outras tradições, não é?

Ele sorriu enquanto amarrava fios a estacas.

— Sim.

— E lá eu não vou ser presa por isso?

— Você *não vai* ser presa em lugar nenhum, filha! — Disse ele, firme. — Você é forte e sabe se cuidar, não sabe?

Ela empertigou-se. A pergunta parecia ter lhe aberto um buraco no estômago que ela precisava de alguma forma fechar.

— *Claro* que sei.

— A gente vai ter um *futuro*, filha! Em Al-u-ber você pode começar de baixo e ir subindo. Em Ten-u-rezin eles jamais aceitariam você entre os que realmente mandam, mas em Al-u-ber você pode ser *muito* poderosa. E *vai ser*. Mais que *todo mundo*.

Ela assentiu, cruzando os braços.

Queria saber o que a mãe acharia daquilo tudo, mas depois de tantos rosanos quase não conseguia separar as coisas que realmente lembrava dela do que, nas horas vagas, inventava ou sonhava.

— Filha. — Chamou ele, interrompendo o trabalho. — Você confia no pai?

Ela fez que sim com a cabeça.

— E você vai me proteger?

Ela sorriu, inundada por boas sensações. De alguma forma a gratidão nunca deixava de aparecer, não importa quanta raiva tivesse do pai.

— Claro, pai.



Para trancar a porta demorou a metade do tempo que demorou para abrir: chovia forte, ela já estava ensopada e só o que queria era poder se secar e ir dormir. Quase não notou o pai sentado na poltrona, barbudo e bem acordado, segurando o minério azul-claro na mão esquerda.

— E então? — Perguntou ele, levantando as sobrancelhas.

Reuniu com as mãos o cabelo escurecido, fazendo-o pingar mais forte.

— ... Dormimos juntos.

— *Ótimo!* — Comemorou ele, levantando-se do sofá e andando em direção a Anabel. — Ótimo, minha filha, ótimo... E enquanto faziam...

— Sim, pai, coloquei os retratos na sala verde dele.

— Já havia algum lá antes? — Parou no meio do caminho, ainda sorridente, agora cauteloso.

— Acho que não... Talvez, não sei.

— Hm... Tudo bem, filha, não importa. — Chegou perto o bastante para abraçá-la. Ela já era alta, mas sua testa ainda encostava na bochecha do pai. Ele apertava o ombro dela com a mão do minério, deixando a sala ficar escura; com a outra, acariciava os cabelos emaranhados n'água. — Só não se esqueça de fazer vários retratos diferentes.

— Uhum. — Murmurou ela, de olhos fechados.

Passou tempo suficiente com ele para formar uma poça aos pés dos dois. Sentiu-se acolhida com aquele calor, que era tão diferente do suor abafado do outro que sentira perto do seu há tão pouco tempo.

O pai se afastou devagar, jogando o minério em cima de um sofá velho. Segurou com as duas mãos o rosto jovem da filha; ela, atenta, prendeu sua atenção com os olhos.

— Você cresceu tanto, filha... Está uma linda mulher... Aprendeu a sedução sozinha, e já a domina tão bem...

Ela engoliu em seco, pensando na noite que teve. Não sabia exatamente o que pensar sobre tudo que sentiu — ou sobre a forma estranha que Neborum assumiu quando, ao se locomover por lá, o que mais queria era ficar em Heelum.

Mas não sabia como discutir aquilo com o pai, e com Gustavo não podia falar de qualquer forma. Não sabia como falar sobre aquilo com ninguém.

— Você tem que continuar. Tem que fazer esse Gustavo fazer *tudo* que você quer. Sem pestanejar. Sem questionar. O que ele sente não pode ter *limites*, filha.

Ela fez que sim, pouco incomodada por precisar confirmar o que já sabia de tanto ouvir o mesmo plano. Gustavo ensinaria para ela tudo que sabia sobre ser um preculgo, enquanto ela faria pouco avanço com ele em relação às técnicas bomins. Depois, num futuro em que ainda decidiriam, os dois, o que fazer com Gustavo, ela precisaria de um espólico que a ensinasse tudo sobre a terceira tradição.

E assim seria feliz. Ou pelo menos poderosa, que era a forma como o pai colocava a questão — mas aquilo, para ela, só podia levar à felicidade, é claro, definida como a capacidade infinita de fazer o que se quer.

O pai pôs as mãos nos ombros da filha e sorriu.

— Qual é a coisa mais importante?

— Sou eu, pai.

— Você confia no pai?

— Sim.

— E vai proteger esse velho pai?

Ela riu, beijando a mão do progenitor mais ao alcance dos lábios.

— Claro, pai.